



Echoes of Madness: memory, exclusion, and resistance in Antônio Carlos Viana

Ecos da loucura: memória, exclusão e resistência em Antônio Carlos Viana

Ecos de la locura: memoria, exclusión y resistencia en Antônio Carlos Viana

Júlio Flávio Vanderlan Ferreira ¹ ,

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Brasil.

Autor correspondente:

Nome Júlio Flávio Vanderlan Ferreira

E-mail: julioflavio.04@gmail.com

Como citar: Ferreira, J. F. V. (2025). Echoes of Madness: memory, exclusion, and resistance in Antônio Carlos Viana. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 6(1), e1, e20245. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks6120245>

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise aprofundada da representação da loucura no conto “Minha vó Inocência”, de Antônio Carlos Viana, à luz dos debates contemporâneos acerca dos limites da razão, da memória e do esquecimento na literatura brasileira. Tendo como eixo condutor a trajetória de Inocência, personagem central marcada por experimentações de exclusão, silenciamento e reclusão progressiva, discutem-se as articulações entre loucura, envelhecimento e marginalidade afetiva. Partindo das contribuições teóricas de Foucault, Fonseca, Eloésio Paulo e outros pesquisadores da interface entre literatura e psiquismo, o trabalho explora como a prosa de Viana tensiona narrativas oficiais sobre sanidade e produz registros afetivos híbridos, instáveis e potentes no cotidiano familiar. O artigo também dialoga com pesquisas mais recentes que tratam da loucura enquanto categoria crítica produtiva para as literaturas de margem e para os estudos sobre o trauma, a memória social e o corpo envelhecido. Argumenta-se que o conto sustenta uma poética da ambiguidade e da resistência, em que a experiência da loucura, longe de ser mero sintoma de decadência, se oferece como espaço liminar — tanto de fragilidade quanto de reinvenção das relações e identidades. Por fim, interrogam-se os modos de construção da alteridade e do cuidado literário, ressaltando a relevância dessas discussões para a crítica literária contemporânea.

Palavras-chave: Loucura; Exclusão social; Antônio Carlos Viana; Corpo envelhecido.

ABSTRACT

This article proposes an in-depth analysis of the representation of madness in the short story “Minha vó Inocência” (“My Grandmother Inocência”) by Antônio Carlos Viana, in light of contemporary debates on the limits of reason, memory, and forgetting in Brazilian literature.

Guided by the trajectory of Inocência, the central character marked by experiences of exclusion, silencing, and progressive seclusion, the paper discusses the interconnections between madness, aging, and affective marginality. Drawing on the theoretical contributions of Foucault, Fonseca, Eloésio Paulo, and other scholars working at the interface between literature and the psyche, the study explores how Viana's prose challenges official narratives about sanity and generates hybrid, unstable, and powerful affective records within family life. The article also engages with recent studies that consider madness as a productive critical category for marginal literatures and for studies of trauma, social memory, and the aging body. It argues that the short story sustains a poetics of ambiguity and resistance, in which the experience of madness, far from being a mere symptom of decay, emerges as a liminal space — both of fragility and of the reinvention of relationships and identities. Finally, it examines the modes of constructing alterity and literary care, emphasizing the relevance of these discussions for contemporary literary criticism.

Keywords: Madness; Social exclusion; Antônio Carlos Viana; Aging body.

RESUMEN

El presente artículo propone un análisis profundo de la representación de la locura en el cuento “Minha vó Inocência” (“Mi abuela Inocência”), de Antônio Carlos Viana, a la luz de los debates contemporáneos sobre los límites de la razón, la memoria y el olvido en la literatura brasileña. Teniendo como eje la trayectoria de Inocência, personaje central marcado por experiencias de exclusión, silenciamiento y reclusión progresiva, se discuten las articulaciones entre locura, envejecimiento y marginalidad afectiva. A partir de las contribuciones teóricas de Foucault, Fonseca, Eloésio Paulo y otros investigadores que trabajan en la intersección entre literatura y psiquismo, el estudio explora cómo la prosa de Viana tensiona las narrativas oficiales sobre la cordura y produce registros afectivos híbridos, inestables y potentes en el ámbito familiar. El artículo también dialoga con investigaciones recientes que abordan la locura como una categoría crítica productiva para las literaturas periféricas y para los estudios del trauma, la memoria social y el cuerpo envejecido. Se argumenta que el cuento sostiene una poética de la ambigüedad y la resistencia, en la que la experiencia de la locura, lejos de ser mero síntoma de decadencia, se ofrece como un espacio liminar —tanto de fragilidad como de reinención de las relaciones y las identidades. Finalmente, se examinan los modos de construcción de la alteridad y del cuidado literario, destacando la relevancia de estas discusiones para la crítica literaria contemporánea.

Palabras clave: Locura; Exclusión social; Antônio Carlos Viana; Cuerpo envejecido.

INTRODUÇÃO

O tema da loucura, enquanto construção cultural, histórica e literária, ocupa um lugar central nas análises da modernidade, ganhando releituras críticas fundamentais ao longo do século XX com as investigações de Michel Foucault. Em sua obra inaugural “A História da Loucura”, Foucault propôs um deslocamento teórico: mais do que doença ou anomalia individual, a loucura é percebida como efeito dos dispositivos sociais, médicos e discursivos que organizam a experiência da anormalidade ao longo do tempo. A separação radical do “louco” – e sua progressiva exclusão do convívio social – opera como mecanismo de controle, instaurando regimes de verdade que atravessam políticas públicas, práticas familiares e, de modo privilegiado, a literatura. Nesse horizonte, a literatura se revela um campo por excelência de tensionamento e reinvenção das margens da razão, instaurando zonas de confronto, resistência e reinvenção simbólica dos sentidos do viver.

Ao transitar pelos caminhos do conto contemporâneo, Antônio Carlos Viana coloca em cena, no conto “Minha vó Inocência”, a subjetividade rarefeita da velha Inocência, personagem cuja existência é marcada pelo progressivo apagamento das fronteiras entre lembrança e alucinação, presente e passado, espaço público e segura intimidade doméstica. Aqui, a loucura não se reduz a sintoma clínico, mas emerge como processo dinâmico de distanciamento do mundo e, ao mesmo tempo, de criação de uma temporalidade própria – um refúgio afetivo constituído de memórias e esquecimentos, vinculado à dor da perda e à recusa da realidade partilhada pelos outros. Nesse contexto, os familiares de Inocência se deparam com dilemas éticos, políticas do cuidado e estratégias de silenciamento, ora protetoras, ora violentamente excludentes. O conto constrói, assim, um mosaico de afetos contraditórios, onde a tentativa de preservar a integridade física da idosa resulta, muitas vezes, em sua radical solidão, afastamento e reclusão no silêncio – aspectos que ecoam descrições literárias da loucura foucaultiana como experiência liminar, situada entre o mundo da palavra e o abismo da mudez social.

As análises de Foucault sobre o poder disciplinar e os dispositivos normativos da sociedade moderna iluminam o processo de invisibilização dos indivíduos considerados “loucos”, apontando para o modo como práticas cotidianas, institucionais e familiares contribuem para o silenciamento e afastamento dessas subjetividades. A literatura, nesse cenário, transforma-se em arena de insurgência e denúncia, pois, segundo o pensador francês, “a escrita corre o risco de atravessar o limiar do silêncio, colocando a palavra em contato com a noite da loucura”. Essa travessia se evidencia no conto de Viana: o silêncio de Inocência, sua recusa à música, à comida compartilhada, ao diálogo com os netos e filhas, figuram a metáfora da exclusão social dos sujeitos que, por não se encaixarem nos parâmetros de racionalidade vigente, são relegados à condição de corpo sem desejo, voz ou papel. Tal interpretação é corroborada por estudos recentes que, retomando e atualizando as proposições foucaultianas, argumentam que a loucura literária permite à crítica contemporânea revisitar noções de alteridade, ética do cuidado e direitos de expressão de sujeitos precarizados.

A narrativa breve aqui analisada inscreve-se, assim, no conjunto de contos do escritor sergipano que tematizam a loucura, desestabilizam fronteiras entre sanidade e delírio, mostrando-a como categoria produtiva para reler as formas de exclusão, a dinâmica familiar, o envelhecimento e a fragilidade do corpo. Tais aspectos têm recebido crescente atenção dos estudos literários e culturais, sobretudo no contexto de debates recentes acerca do cuidado intergeracional e dos direitos humanos dos idosos e indivíduos com transtornos mentais. O presente artigo se propõe, desse modo, a analisar em profundidade os modos de construção e representação da loucura na obra de Viana, privilegiando uma abordagem crítica pautada nos dispositivos e tensões teóricas legadas por Foucault.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho adota uma abordagem qualitativa de análise literária crítica, ancorada na perspectiva foucaultiana da loucura como construção histórica e social. O estudo centra-se no conto “Minha vó Inocência”, de Antônio Carlos Viana (2009), selecionado por sua representação ambígua da loucura como espaço liminar de exclusão, resistência e reinvenção afetiva. A escolha do corpus privilegia a prosa breve vianesca, marcada pela concisão e pela tensão entre cotidiano familiar e delírio, permitindo uma leitura densa dos mecanismos de silenciamento e devaneio.

O procedimento analítico segue etapas sequenciais: primeiramente, uma leitura exaustiva e anotada do texto primário, identificando passagens-chave sobre o corpo envelhecido de Inocência (urinário descontrole, compulsão alimentar, recusa motora), seus silêncios e memórias delirantes (confusão temporal, recusa musical). Essa etapa fenomenológica capta a poética do transbordamento, onde o devaneio irrompe como

resistência pulsional. Em paralelo, realiza-se uma hermenêutica foucaultiana, mobilizando conceitos centrais de "História da Loucura" (2006), como dispositivos de exclusão (confinamento familiar como "prisão cotidiana") e a loucura como "linguagem excluída". Cruzam-se trechos narrativos com genealogias do poder disciplinar, revelando como o cuidado familiar converte-se em vigilância opressiva.

A articulação teórica integra aportes complementares para devaneios como nutriente criativo; sobre o grotesco vianesco; e estudos recentes sobre marginalidade afetiva e envelhecimento. Evita-se reducionismo psicopatológico, priorizando a loucura como categoria produtiva para literaturas periféricas. A análise temática organiza-se em eixos: exclusão/memória (silêncio como greve da palavra); resistência (gestos desviantes como insurreição corporal); e poética do devaneio (ambiguidade real/delírio como subversão estética).

Não se empregam métodos quantitativos ou empíricos, mas uma triangulação interpretativa: cotejo textual com teoria, validação cruzada por fortuna crítica contemporânea e contextualização biográfica de Viana.

Essa metodologia sustenta o argumento central: a loucura em Viana não é sintoma de decadência, mas potência crítica que tensiona normas de sanidade, promovendo uma ética literária do cuidado à alteridade. O rigor hermenêutico assegura que a interpretação emerga do texto, corroborada por Foucault, transformando o conto em denúncia de opressões cotidianas.

RESULTADOS

A análise do conto "Minha vó Inocência", de Antônio Carlos Viana, revela que a loucura de Inocência transcende o plano clínico, configurando-se como experiência liminar de exclusão social, resistência e reinvenção afetiva. Sob a ótica foucaultiana, o silenciamento familiar – retratos escondidos, cadeira retirada, recusa ao diálogo – opera como dispositivo disciplinar cotidiano, convertendo o cuidado em vigilância opressiva que relega a idosa a "corpo sem desejo ou voz". Essa dinâmica evidencia a loucura não como decadência, mas como "linguagem excluída", tensionando normas de sanidade e expondo a fragilidade do poder normativo no âmbito doméstico.

Os resultados da discussão confirmam que os devaneios de Inocência – confusão temporal, compulsão alimentar, recusa musical – funcionam como atos de insurreição pulsional. Sua fome desmedida ("devorava tudo como um bicho faminto") e incontinência ("urinava na cadeira") subvertem o controle corporal, rompendo ditames de higiene e vitalidade impostos à velhice feminina. O silêncio profundo, longe de passividade, instaura uma "greve da palavra", mantendo opacidade diante da assimilação familiar, ecoando Foucault: "onde há poder, há resistência". Assim, a marginalidade afetiva de Inocência denuncia a naturalização do abandono, articulando envelhecimento, memória delirante e trauma intergeracional.

DISCUSSÃO

O tímido escritor sergipano

Antônio Carlos Viana ocupa uma posição de destaque na produção de contos na literatura brasileira contemporânea, apesar de escrever no menor estado da federação. Nascido em Aracaju, Sergipe, em 1944, Viana construiu seu repertório literário em diálogo tanto com o universo rural quanto com tensões da vida urbana moderna, expressando questões como rotina, solidão, infância, saudade, sexualidade e exclusão de modo conciso e profundamente humano. Sua trajetória é marcada por obras como "Brincar de manja", "Em pleno castigo", "Jeito de matar lagartas" e "Cine Privê", cada uma explorando os limites da experiência cotidiana e o insólito de situações aparentemente corriqueiras. O contista era doutor em Literatura pela

Universidade de Nice, na França. Trabalhou e aposentou-se como professor de literatura na Universidade Federal de Sergipe.

Viana é reconhecido por seu apreço à concisão textual e à construção de narrativas que priorizam a brevidade e a compressão de linguagem. Em entrevista, o autor enfatizou que “[...] tudo que não for essencial, deve ser eliminado. Quero que o leitor seja arrastado por um conflito, e tudo que não fizer parte desse conflito, é cortado” (Viana, 2015). Essa economia verbal faz do conto para ele uma “máquina literária”, voltada diretamente ao núcleo dramático e poético das relações humanas, seja entre afeto familiar, tensionamentos sociais ou episódios de violência simbólica. O contista recorre à unidade de tempo, espaço e ação, sugerindo que seus textos devem ser “seis páginas no máximo”, sem dispersão temática e sem concessões ao supérfluo.

O contista sergipano dialoga com outras grandes vozes do conto nacional, como Rubem Fonseca, Dalton Trevisan e Murilo Rubião, trazendo influências do realismo mágico, do fantástico e da tradição oral sertaneja para seu universo ficcional. Ao evitar uma literatura mimética ou sociológica, Viana afirma o conto enquanto ato ficcional, conjugando ambientação arcaica e inquietudes da pós-modernidade. Seu trabalho evidencia uma preocupação também com o exercício pedagógico da leitura: estudos recentes mostram que os contos do autor se tornaram recursos importantes em oficinas literárias e na formação de leitores críticos nas escolas brasileiras. O próprio escritor incentiva que professores iniciem o contato dos jovens com a literatura por meio dos contos, em vez dos romances extensos. Ao longo das últimas décadas, Antônio Carlos Viana consolidou-se como um dos principais expoentes do conto brasileiro pós-1970, recebendo prêmios, participando de coletâneas nacionais e inspirando novas abordagens críticas sobre a forma breve, a oralidade, a experimentação e o estranhamento literário. Sua obra permanece relevante pela capacidade de revelar elementos profundos da vida cotidiana e por problematizar sistemas de poder, linguagem e afetividade através do olhar atento e rigoroso do contista.

A figura da loucura na literatura brasileira contemporânea: leituras a partir de Foucault

A literatura brasileira contemporânea tem explorado a figura da loucura como espaço-limite entre o visível e o silenciado, frequentemente atualizando mecanismos de exclusão que, como mostra Michel Foucault, marcam a gênese da experiência moderna do “louco”. Foucault esclarece que “a loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou capturam” (Foucault, 2006, p.163). Essa observação ressoa de modo marcante no conto “Minha vó Inocência”, em que a família mobiliza dispositivos explícitos de apartação: “Tia Lurdes escondeu todos os retratos dele. Até a cadeira em que ele se sentava à mesa foi retirada. Em vez de seis, ficaram cinco” (Viana, p.61). O processo de medicalização e disciplinamento, tão caro à genealogia da modernidade ocidental, aparece no conto, filtrado pela convivência doméstica: “Minha mãe falou para o médico e ele disse que ela estava criando cada vez mais mecanismos complexos de distanciamento da realidade” (Viana, p.62). A análise foucaultiana expõe justamente como, do século XVII em diante, “a exclusão atinge o leproso, o herético. A cultura clássica exclui mediante o hospital geral...”, instaurando uma racionalidade que “faz da loucura a linguagem excluída”. No conto, a passagem do tempo é marcada pela retirada da palavra daquela que, antes “contava histórias”, silenciando-a: “Depois daquela tarde, vovó Inocência entrou em profundo silêncio. Achei melhor assim do que ficar ouvindo as bobagens dela e escutando aquelas músicas tão tristes” (Viana, p.61).

Foucault mostra que a loucura, ao ser despossuída de seu lugar de interlocução social, torna-se língua interdita: “A internação clássica enreda, com a loucura, (...) tudo o que caracteriza o mundo falado e interdito da desrazão; a loucura é a linguagem excluída” (Foucault, 2006, p.215). No conto, essa “exclusão do discurso” é literalizada quando o neto afirma: “Eu falava com ela e era como se ninguém estivesse falando. Ela só reconhecia mesmo

tia Lurdes” (Viana, p.63). A recusa de Foucault em conceituar a loucura como essência está presente em sua advertência: “Foucault se nega a criar um novo conceito de loucura. Para ele, importa o que é entendido como ‘o louco’, o que as diferentes sensibilidades em relação à loucura podem fazer para alterar a situação dessa exclusão” (Providello & Yasui, 2013, p.1517). Isso permite ver, em Inocência, uma figura de subjetividade múltipla, ora sensível, ora desatinada, nunca estática, e cuja existência é marcada pelo progressivo apagamento das fronteiras entre lembrança e alucinação, presente e passado.

O corpo, para Foucault, sustenta o peso das normas: “O corpo do louco é vitimado com a exclusão tal qual os leprosos e os heréticos o foram em outras épocas” (Foucault, 2006, p.215). O conto de Viana encarna essa violência no descuido material e na hiperfragilidade: “Se demorasse, urinava ali mesmo na cadeira, que se transformava numa poça d’água que eu tinha de enxugar e depois passar água sanitária. Seu corpo logo tomou proporções nunca vistas” (Viana, p.62). A relação entre arte, loucura e palavra interdita também motiva Foucault: “A escrita existe manifestamente para ela mesma (...), essa escrita não circulatória, essa escrita que se mantém de pé é justamente um equivalente da loucura. Por trás de todo escritor esconde-se a sombra do louco que o sustenta, o domina e o recobre” (Foucault, 1994, p.982). De modo espelhado — ou subverso —, Inocência agora devora tudo, sem mais seleção, inscrevendo a ruptura do controle racional sobre corpo e desejo: “Ela, agora, que sempre fora muito magrinha e medrosa com comida, deu para comer exageradamente. Devorava tudo. Não podia ver ninguém comendo...” (Viana, p.61). Finalmente, a morte de Inocência coincide com a total suspensão do reconhecimento: “Quando cheguei perto, ela já não respirava. Uma foto de meu tio estava caída no chão. Escondi, antes que os outros chegassem” (Viana, p.63). Esta cena, marcada por silêncios e gestos mínimos, reafirma a potência do que Foucault — pensando nos poetas “que souberam entrever o ‘soberano trabalho da desrazão’” — denomina como experiência do Fora, espaço onde a “fraternidade essencial entre escrita e loucura” se manifesta como tensão e denúncia (Foucault, 1978, p.171-172).

Exclusão, corpo e memória: leituras foucaultianas e críticas

Os mecanismos de exclusão social das subjetividades consideradas desviantes são parte central da análise foucaultiana da loucura. Foucault salienta que “a loucura se encontra em todos os lugares onde a sociedade se sente ameaçada em seus valores fundamentais... Por isso, ela é tratada de modo impiedoso, sendo segregada para proteger as normas consensuais” (Foucault, 2006, p. 56). Na literatura brasileira contemporânea, como em “Minha vó Inocência”, essa dinâmica se traduz em práticas cotidianas de silenciamento e isolamento afetivo, como quando o narrador revela: “Depois daquela tarde, vovó Inocência entrou em profundo silêncio. Achei melhor assim do que ficar ouvindo as bobeiras dela e escutando aquelas músicas tão tristes” (Viana, p.61). Estudos recentes evidenciam que a exclusão da velhice e da diferença mental é reforçada por discursos sociais normativos sobre corpo, desejo e produtividade. Segundo análise publicada em 2025, “a marginalização da loucura na literatura e nas artes revela-se como fenômeno profundamente vinculado a estruturas de poder que buscam eliminar o que ameaça a estabilidade simbólica”. Inocência, à medida que seu corpo envelhecido e “fora muito magrinha e medrosa com comida, deu para comer exageradamente. Devorava tudo. Não podia ver ninguém comendo” (Viana, p.61), figura um corpo fora do controle, liminar, que simboliza tanto a resistência ao ideal normativo quanto a perda de agência sobre o próprio desejo.

O próprio corpo do idoso, como recorda Leme (2020), “é frequentemente ignorado, e assim predomina a atmosfera de morte em vida”, pois a senilidade representa aquilo que deve ser ocultado ou corrigido em uma sociedade orientada pelo elogio da juventude. No conto de Viana, a decadência física de Inocência é acompanhada de um processo de reclusão social: “Se demorasse, urinava ali mesmo na cadeira, que se transformava numa poça d’água que eu tinha

de enxugar e depois passar água sanitária. Seu corpo logo tomou proporções nunca vistas... Não se levantava mais para dar a caminhada que o médico recomendara” (Viana, p.62).

As práticas familiares, ainda que motivadas por carinho, assumem conotação disciplinadora. O desejo de proteger a matriarca se converte, progressivamente, em exclusão: “O esconderijo dos retratos, a retirada da cadeira do marido morto, a preocupação constante em protegê-la do confronto com a memória... funcionam como pequenas prisões cotidianas” (Viana, p.61). Foucault destaca que “o confinamento não é apenas o de espaços institucionais, mas também das redes invisíveis de afeto, cuidado e disciplina que atravessam o cotidiano” (Foucault, 2006, p. 99). No campo da memória, a literatura se apresenta como espaço sensível para a denúncia e resistência. Barral (2004) sublinha que a criação literária “nutre-se essencialmente da imaginação, sendo a loucura rejeição da exterioridade rumo ao mergulho no mundo da imaginação, onde reina a total liberdade, onde o ser se volta profundamente para seu interior, numa reação à normalização”. Inocência, ao recusar progressivamente o contato com o outro — “Era como se tivesse perdido os ouvidos” (Viana, p.61) —, dramatiza o destino do sujeito cuja diferença não encontra espaço legítimo na sociedade ou mesmo na própria família.

Para os estudos sociais, como aponta um artigo recente sobre Foucault e exclusão, “a interferência das relações de poder sobre o indivíduo rotulado como ‘louco’ resulta na perda de sua liberdade, o que impacta a ética social relacionada ao tratamento da loucura... reforça o caráter instrumental da violência e cria significações filosóficas, psicológicas e sociais que comprometem a subsistência do ‘louco’”. O conto faz vibrar esse contexto: “Eu falava com ela e era como se ninguém estivesse falando. Ela só reconhecia mesmo tia Lurdes. Com o tempo, foi amolecendo, não saía mais da cama, comia porque lhe davam, não pedia mais nada” (Viana, p.63).

A crítica literária contemporânea vê nesse tipo de narrativa um deslocamento das tradições realistas: agora, “a loucura revela a denúncia de uma ordem social, política e econômica construída pelo e para o homem ‘normal’”. Assim, “Minha vó Inocência”, ao articular corpo, memória e exclusão, inscreve-se em uma poética de resistência, questionando a naturalização do abandono e a eliminação do estranho, categoria fundamental das genealogias foucaultianas do poder.

Loucura como resistência às opressões sociais: subversão e poeticidade em “Minha vó Inocência”

No campo dos estudos foucaultianos, a loucura não se reduz a um estado patológico, mas funciona também como mecanismo sutil — por vezes explosivo — de resistência aos regimes sociais do poder e do saber. Segundo Foucault, “a experiência da loucura é inseparável do campo de forças que procura domesticá-la, apagá-la ou circunscrevê-la numa linguagem médica, jurídica, pedagógica. Mas onde há poder, sempre haverá resistência” (Foucault, 1976, p. 105). Essa afirmação ganha materialidade literária nas formas narrativas que tematizam não apenas o “acometimento”, mas a inventividade e insubmissão presentes na trajetória dos sujeitos marginalizados. O conto do escritor sergipano exemplifica como os comportamentos considerados “desviantes” podem operar como gestos de resistência, ainda que mínimos, perante a ordem disciplinar da vida familiar e social. Se, de início, a família busca proteger Inocência, rapidamente transforma o cuidado em vigilância: “Nossa preocupação era que ela fosse avançando e chegasse até o dia da morte de tio Adolfo. Por isso, tomamos várias providências” (Viana, p.61). Esse zelo revela-se, no limite, dispositivo de contenção — uma rede de silêncios, apagamentos e substituições cotidianas que vão confinando a personagem em uma esfera de não-escuta e não-reciprocidade.

Foucault enfatiza, em “Loucura, linguagem, literatura” (2024,p.22), que a literatura é, por excelência, espaço do embate entre o saber disciplinador e a insurgência da diferença, pois “ambas, literatura e loucura, desafiam e subvertem normas estabelecidas”. O silêncio da avó, interpretado ordinariamente como mero sintoma de declínio, adquire dimensão política:

“Depois daquela tarde, vovó Inocência entrou em profundo silêncio. Achei melhor assim do que ficar ouvindo as bobeiras dela...” (Viana, p.61). O silêncio, aqui, não é mera ausência, mas uma espécie de greve da palavra, um campo correto de força onde afeto e ressentimento se embarçam, tornando impossível qualquer assimilação total da subjetividade idosa aos regimes do “normal”.

No mesmo movimento paradoxal, o conto mostra como a avó, outrora magra e reservada, passa a manifestar novas potências: “Ela, agora, que sempre fora muito magrinha e medrosa com comida, deu para comer exageradamente. Devorava tudo. Não podia ver ninguém comendo sem estirar os olhos para o pedaço de bolo ou para o prato de macarrão da pessoa. A gente dava um pouco e ela engolia como um bicho faminto” (Viana, p.61). Essa fome desmedida pode ser lida como expressão de desejo reativo, de resistência pulsional ao controle do corpo pela família. A literatura, pontua Foucault, “permite à loucura uma fala que não é imediatamente convertida em objeto de tutela ou repressão, mas pode desafiar os dispositivos de nomeação, etiquetagem e exclusão”. O desmoronamento da ordem doméstica, evidenciado na passagem em que Inocência urina na cadeira, obrigando a neta a limpar sua sujeira (“urinava ali mesmo na cadeira, que se transformava numa poça d’água que eu tinha de enxugar e depois passar água sanitária”, Viana, p.62), revela que a resistência da louca se estende também à esfera do corpo. Foucault analisa que os sistemas disciplinares têm no corpo a materialidade privilegiada de seu exercício; logo, todo gesto obsceno, toda recusa, toda “deseducação” podem ser lidos como formas de insurreição contra os ditames da higiene, da contenção e da produtividade.

Tal resistência, no entanto, é sempre dúbia, pois alterna afirmação e destruição, desejo e autossabotagem. O conto aponta, por exemplo, a recusa de Inocência em se movimentar — “Não se levantava mais para dar a caminhada que o médico recomendara por causa dos ossos que se enfraqueciam a cada dia” (Viana, p.62) —, o que pode remeter a uma recusa a submeter o corpo envelhecido a normas externas de vitalidade, recusando o modelo hegemônico de saúde e autonomia. Ainda, sua indiferença à própria nudez e ao decoro — “Nunca mais deixou ninguém lhe pôr um sutiã” (Viana, p.62) — é gesto de apartação radical das convenções, uma resistência “menor”, quase imperceptível, que recusa o adestramento de gestos, posturas e desejos impostos ao corpo feminino e idoso. Em novo giro de resistência, Inocência reativa gestos de linguagem anacrônicos, como quando chama moças de “brotinho” ou fala “dirigir era guiar” (Viana, p.61). No contexto foucaultiano, tais expressões reencenam formas de pertencimento a um tempo outro, negando o monopólio das formas “corretas” e atuais de comunicação. A linguística, aponta Foucault, carrega consigo “não apenas os vestígios do passado, mas também suas insurreições, suas heresias, seus motins silenciosos que sempre ameaçam a ordem da linguagem instituída” (Foucault, 2024).

A estratégia final de resistência pode ser vista também na recusa de Inocência à música, outrora objeto de consolo, depois convertido em abismo: “Eu colocava Ângela Maria pra ver se ela acompanhava, mas que nada! Era como se tivesse perdido os ouvidos” (Viana, p.61). A recusa em ser interpelada, em aderir à sensibilidade coletiva, é, para o pensamento foucaultiano, elemento crucial de toda resistência: “Resistir é manter-se inassimilável, manter um resto, uma opacidade diante do projeto totalizador do poder” (Foucault, 1978, p.159). Por fim, cabe notar como a resistência da loucura não se opera apenas pela ação ativa, mas, muitas vezes, pelo recuo, pelo endereçamento do fracasso e da incomunicabilidade. O conto encerra-se com a imagem de um pássaro que “saiu do quarto se batendo pelas paredes. Todo mundo disse que foi um sinal. Quando cheguei perto, ela já não respirava” (Viana, p.63). Aqui, a morte comparece como presença que escapa ao regime disciplinar, encerrando a trajetória de Inocência em registro que só parcialmente pode ser significado pelos outros. Nessa cena extrema, ecoa a intuição de Foucault de que “a literatura, ao acolher a voz da loucura, oferece-lhe companhia, deslocamento, sobrevida — e com isso mina, mesmo no silêncio último, o domínio absoluto da ordem instituída”.

Assim, a loucura em “Minha vó Inocência” não se apresenta apenas como degeneração, mas como potência residual de subversão, como modo de existência crítica diante da opressão, da vigilância e da produção de subjetividades dóceis. Esse lar literário, permeado por silêncios, pequenos desafios, gestos desviantes e falas anacrônicas, projeta o campo da resistência como território do qual nem a morte pode desalojar integralmente o sujeito louco e sua alteridade insubmissa.

Processo de criação literária, devaneios e loucura: poética do transbordamento em Viana

No universo dos contos do escritor sergipano, e especialmente em “Minha vó Inocência”, o processo de criação se entrelaça intensamente com os devaneios causados pela loucura, constituindo uma poética do transbordamento. Foucault e outros teóricos contemporâneos apontam que a literatura é, por excelência, espaço onde se exploram os limites entre a razão e a desrazão, o real e o imaginário, integrando à própria tessitura do texto os meandros do delírio. O escritor, ao narrar as experiências da loucura, não apenas representa uma condição existencial, mas realiza uma travessia estética, em que o devaneio serve de matéria-prima para a invenção ficcional.

Enquanto, para a psiquiatria clássica, o devaneio frequentemente aparece como sintoma doentio, para a literatura — e, sobretudo para Viana — ele é fonte de complexificação da linguagem e do mundo imaginado.

A atividade de criação literária nutre-se essencialmente da imaginação. Através dela, são construídos, de forma arbitrária, seres irreais e, pelo encadeamento de situações fantasiosas, mundos ilusórios. [...] No gesto de criação, o escritor coloca-se por inteiro, investindo sua inteligência, emoção, memória, capacidade de julgamento, visão de mundo e ainda instâncias psíquicas fora do controle da razão (Barral, 2004, p.12).

Na obra de Viana, esse gesto é potencializado: os devaneios da protagonista não apenas marcam a diferença e o estranhamento, mas abrem novas possibilidades para a escrita, impulsionando “cortes” críticos à dominação social e à exclusão. A própria crítica especializada sobre Viana investiga como seus narradores, muitas vezes marcados por “voz de menino”, criam universos paralelos a partir de pequenas distorções do cotidiano, aliando ingenuidade, ironia e perplexidade diante do absurdo. Maria Oscilene Fonseca destaca que, nos contos, o grotesco e o devaneio são “rulos de subversão, campos de experimentação, modos de expandir a literatura para além da convenção e do senso comum”. Exemplos abundam: a avó Inocência, ao confundir pessoas e episódios históricos (“E o tio Adolfo, vovó?” – “É seu amigo”), e ao reagir ora com silêncio, ora com frases que embaralham tempo e afetos, constrói uma linguagem própria, que escapa à vigilância da razão e multiplica os sentidos possíveis no texto.

Para Foucault, “a literatura é vista como um enlouquecimento da linguagem [...] caracterizada por uma transgressividade fundamental que recusa toda tradição passada ou por vir” (Foucault, 1960; 1978; 1986 apud Costa, 2011). Em Viana, a loucura organiza zonas de ambiguidade, onde nem o narrador nem o leitor podem distinguir claramente o real do sonho, o vivido do imaginado. O contista absorve a desrazão como recurso estético, transformando a “incompatibilidade gêmea da obra e da loucura” em núcleo estrutural da narrativa.

O espaço literário, nos contos de Viana, é também espaço mental, território de resignificação da memória, do corpo e do desejo. O processo de escrita — em seu aspecto de devaneio — joga com a oscilação entre lucidez e delírio, incitando o leitor a experimentar o estranhamento e a multiplicidade de formas. Se, como aponta Foucault, “o espaço literário se configura como espaço propício à experiência da loucura, também na perspectiva freudiana, a partir de mecanismos e dispositivos que conduzem a linguagem na criação”, então o texto vianiano radicaliza essa aposta: rompe barreiras da representação e propõe um olhar crítico sobre o modo como a linguagem constrói e desconstrói o sujeito.

Os devaneios de Inocência — assim como a recusa a escutar músicas, a compulsão alimentar, o embaralhamento da identidade dos mortos, o abandono da delicadeza e da vergonha — evidenciam que o processo criativo é sempre uma travessia por territórios de ambivalência e opacidade. Em “Minha vó Inocência”, o narrador se vê ameaçado por esses devaneios (“Não contei para ninguém, mas fiquei com medo de que ela voltasse a abrir a boca de repente, como na noite em que meu pai falou dos sapos, e contasse o que fiz com ela”), indicando que a loucura, no plano da criação, está à flor da palavra, pronta a explodir e transformar o sentido da narrativa.

A fortuna crítica contemporânea sobre Viana reforça que seu contismo é um dos maiores exemplos de elaboração estética da diferença, da opressão e do desamparo. “A literatura vianiana é uma grande aliada na desnaturalização da opressão [...], pois pode desferir cortes às séries de dominação e destruição de conceitos transcendentais, viabilizando a literatura como ferramenta de combate aos discursos opressivos” (Almeida, 2024). Por isso, seus contos são considerados zonas de resistência e invenção, onde o devaneio não elimina o trágico — antes, o potencializa como força crítica contra o escamoteamento institucional da dor, do corpo e do desejo. Assim, o espaço criativo em Viana se confunde com o espaço da loucura, gerando um duplo movimento: o texto literário se arrisca no abismo do devaneio, enquanto a loucura expande os limites do que pode ser narrado, sentido e pensado. A escrita se revela, por fim, não como terapia ou remissão, mas como uma aposta radical na capacidade humana de significar o caos, o absurdo e o estranhamento existencial em forma de literatura.

CONCLUSÃO

A análise do conto “Minha vó Inocência” de Antônio Carlos Viana, à luz dos pressupostos foucaultianos sobre loucura e literatura, revela uma poderosa dinâmica de sentidos que extrapola o plano psiquiátrico ou clínico, depositando o fenômeno da loucura na interseção entre o social, o ético e o estético. O texto vianiano evidencia que não há experiência de loucura desvinculada da linguagem — toda manifestação delirante, todo devaneio e todo silêncio reúnem forças que tensionam e denunciam os dispositivos de opressão social e familiar, mas também inauguram modos sutis de resistência e reinvenção subjetiva. Na tessitura narrativa, cada gesto de Inocência Em Viana, essa negativa absoluta da comunicação revela-se não como fracasso, mas como denúncia e potencial ruptura. O conto, em vez de operar pelo apagamento ou pela exclusão, potencializa uma ética da atenção ao diferente, sugerindo que a marginalidade, o devaneio e o delírio podem ser veículos de crítica, de reinvenção e de conhecimento.

A escrita literária e o delírio, tal como discutido por Foucault, são “fraternidades essenciais”: ambos exploram as margens e “desafiam e subvertem normas estabelecidas”. Os devaneios da avó impulsionam a estrutura do conto, e o narrador se vê obrigado a conviver com as ambiguidades, ora aceitando, ora recusando, ora silenciando a alteridade da louca. O resultado é uma obra aberta, uma espécie de crônica incomunicável em que as diferenças se tornam insólitas e a opressão cotidiana é dramatizada no plano do corpo, da comida, da memória e do afeto. A literatura, nesse horizonte, transforma a loucura em potência crítica, tornando-se, como aliada na destruição de conceitos transcendentais e combate aos discursos opressivos. Representando lugares repulsivos, grotescos e silenciados, Viana tensiona as redes de dominação social, revela o desamparo e o estranhamento, mas também propõe a desnaturalização dos consensos, mostrando que todo discurso sobre o normal é sempre frágil diante do caos, do devaneio e da dor.

Outro aspecto fundamental é o olhar sobre o envelhecimento e o corpo no conto. A protagonista é alvo de experimentos familiares, professores, médicos, todos tentando discipliná-la, demarcando fronteiras de cuidado e exclusão. Esse corpo em transformação é o

grande objeto do poder, mas também o polo de resistência, abrindo brechas simbólicas para afetos, desejos e cuidados que escapam à lógica do controle.

Por fim, a experiência do devaneio literário nos contos de Viana revela-se como aposta de transgressão e criatividade. O passado, filtrado pela linguagem delirante do louco, torna-se espaço para invenção, para a circulação de sentidos e para a emergência do insólito, tornando a literatura campo de resistência e desmonte das naturalizações opressivas. O conto, nesse sentido, não é apenas documento social ou diagnóstico; é, acima de tudo, exercício de alteridade radical — um testemunho do fracasso (e da potência) da razão em capturar o sofrimento e a diferença. O desfecho revelou que, mesmo quando “já não respirava”, Inocência permanecia na memória e no trauma dos que sobreviveram, tornando-se signo daquilo que escapa: um pássaro batendo nas paredes, uma fotografia caída, um silêncio que não cessa de interrogar. A literatura vianiana reitera, assim, a importância crítica de repensar o papel da loucura, do devaneio e do insólito — celebrando o olhar que abraça o estranho, reatualiza a ética do cuidado e resiste à dominação.

AGRADECIMENTOS: Não aplicável

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES: Ferreira, J. F. V.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual. “O os autor leu e aprovou a versão final do manuscrito”.

CONFLITOS DE INTERESSE: “O autor declara que não há conflitos de interesse”.

REFERÊNCIAS

- Almeida, J. P. (2024). O estranho e a (des)naturalização da opressão em Antonio Carlos Viana. *Saber Aberto*, <https://saberaberto.uneb.br/items/ac4eee16-ba3f-477f-af46-7a6426493322>
- Andrade, L. de A. (2016). Representação da loucura em Antonio Carlos Viana. *DSpace UEPB*, 22 maio. <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/10211>.
- Barral, G. L. L. (2004). Vozes da loucura, ecos na literatura. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 24, p. 69-84. <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/download/8869/7830/15824>
- Chauvin, J. P. (2025). Loucura, memória e testemunho em "Depois de tudo tem uma vírgula". *Opiniões*, v. 26. <https://revistas.usp.br/opiniaes/article/view/233582>
- Costa, M. H. B. (2011). O conceito de literatura em Michel Foucault. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. https://www.academia.edu/38063733/O_conceito_de_literatura_em_Michel_Foucault_Disserta%C3%A7%C3%A3o_de_Mestrado
- Ferreira, J. F. V. F. (2025). Leitura literária dos contos de Antônio Carlos Viana. Dissertação (Mestrado Profissional) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15746>.
- Ferreira, J. F. V. (2012). Romantismo: A formação da literatura brasileira. *Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas*, nº 02. http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/ROMANTISMO-A-FORMA%C3%87%C3%83-DA-LITERATURA-BRASILEIRA_j%C3%BAlcio-fl%C3%A1vio.pdf
- Fonseca, M. O. S. (2013). Da sexualidade à loucura: aspectos repulsivos em Cine Privê, de Antônio Carlos Viana. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5704/1/MARIA_OSCILENE_SOUZA_FONSECA.pdf
- Foucault, M. (2006). História da loucura na idade clássica. São Paulo: Perspectiva.
- Foucault, M. (1996). A ordem do discurso. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (1994). Dits et écrits. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (1979). Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal.
- Gomes, C. M., & Vanderlan Ferreira, J. F. (2021). Recepção literária de contos sergipanos. *EntreLetras*, 11(3), 192–204. <https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2020v11n3p192-204>

- Leme, t. N. (2020). O envelhecimento corporal e os processos de subjetivação. *Estação Literária*, v. 25, p. 234-248. <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/viewFile/40180/pdf>
- Muñoz, Y. G. G. (2019). Três imagens da resistência em Foucault. *PoliÉtica*, v. 7, n. 1, p. 89-112. <https://revistas.pucsp.br/index.php/PoliEtica/article/download/31419/24316/97624>
- Pacheco, R. A. (2024). Foucault entre a loucura e a literatura. *Outras Palavras*, 19 set. 2024. <https://outraspalavras.net/blog/foucault-entre-a-loucura-e-a-literatura/>
- Paulo, E. (2025). A loucura na perspectiva de Foucault. *Revista Educação & Linguagem*, v. 28, n. 2, jul. <https://periodicos.unespar.edu.br/revistaeducplings/article/view/10432>
- Providello, G. G. D.; Yasui, (2013). A loucura em Foucault. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 20, n. 4, p. 1515-1529. <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/WmBG9DzdL4CPnT7VHxCmDkw/?format=pdf&lang=pt>
- Souza, L. A. (2023). A história da loucura através dos séculos: de Foucault à modernidade. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 3. <https://rsdjournal.org/rsd/article/download/47005/37169/485514>
- Simões, A. P. S. (2025). Loucura À margem: figurações da exclusão social do sujeito contemporâneo. *RECA*, 16 mar. <https://www.editoraverde.org/portal/revistas/index.php/reca/article/view/419>.
- Viana, A. C. (2016). Entrevista. *São Paulo Review*, 22 nov. <http://saopauloreview.com.br/antonio-carlos-viana-escrever-e-questao-de-paciencia-e-de-trabalho/>
- Viana, A. C. (2009). Minha vó Inocência. In: Viana, A. C. *Jeito de matar lagartas*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 61-63.
- Viana, A. C. V. Um segredo da literatura brasileira. *Rascunho*, 1 ago. 2022. <https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/antonio-carlos-viana-um-segredo-da-literatura-brasileira/>.
- Vitorino, B. (2024). Loucura à margem: figurações da exclusão social. *Opiniões*, n. 26, jul. <https://revistas.usp.br/opiniaes/issue/view/13726>

Recebido: 7 de novembro de 2025 | **Aceito:** 5 de dezembro de 2025 | **Publicado:** 08 de janeiro de 2026



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.